

WALTER BENJAMIN, NIETZSCHE E A QUESTÃO DO MITO: UMA TESE SOBRE O MODERNO E O ARCAICO NO CAPITALISMO TARDIO

LEANDRO KIM PEREIRA DOS SANTOS¹; CLADEMIR LUÍS ARALDI²

¹Universidade Federal de Pelotas – leandrokim87@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho tem como tema as relações entre o moderno e o arcaico no capitalismo tardio a partir das filosofias de Walter Benjamin e Friedrich Nietzsche. Dentro deste tema são investigados assuntos como as formas de racionalidade específicas do mito, as quais podem servir como elemento crítico da própria racionalidade moderna; as semelhanças e oposições entre as filosofias de Walter Benjamin e Nietzsche; o contexto da obra e da vida de Nietzsche na sociedade capitalista-burguesa do século XIX; e a influência de Nietzsche na Teoria Crítica.

O problema que surge neste campo temático é a presença de formas de pensamento da ordem do mito na filosofia de Nietzsche – formas vinculadas à ideologia da civilização capitalista-burguesa e, portanto, contrárias à emancipação social. Esta presença pode ser verificada em passagens e momentos conhecidos de obras da Teoria Crítica. Na filosofia de Walter Benjamin, por outro lado, não é possível encontrar obras ou escritos sistemáticos sobre a questão.

Nosso objetivo, no entanto, não é buscar na obra benjaminiana abordagens sistemáticas ou diretas das relações de Nietzsche com as formas míticas de pensamento. As semelhanças e oposições entre as filosofias de Walter Benjamin e Nietzsche também permitem realizar uma análise crítica das relações entre o arcaico e o moderno na sociedade contemporânea. A partir destas relações, podemos verificar que o mito, para além de seus aspectos irracionais e contrários à emancipação humana, possui formas específicas de racionalidade, as quais podem servir como elementos críticos da racionalidade da civilização capitalista-burguesa. E para além dos elementos míticos e irracionais da filosofia de Nietzsche, de consequências negativas para a política e a teoria social, podemos explorar seus potenciais críticos e emancipatórios, tendo como base sua influência na Teoria Crítica e, portanto, na própria filosofia de Walter Benjamin.

Trata-se então de empregar as originais e ainda válidas abordagens de Benjamin em relação a áreas como a Filosofia da História, a Filosofia da Linguagem e a Estética, e considerar a posição singular da Teologia e do mito em sua filosofia – com ênfase no fato de que em todos estes campos há sempre um profundo aspecto político –, com o propósito de demonstrar relações existentes entre a presença de um pensamento de ordem mítica em Nietzsche e a sociedade capitalista-burguesa de seu tempo. As fusões entre arcaico e moderno presentes nesta sociedade e na filosofia nietzscheana têm seus desdobramentos nos dias de hoje, de forma que, a partir desta configuração teórico-filosófica, podemos contribuir na elaboração de uma crítica dos valores econômico-políticos e ético-morais da civilização capitalista contemporânea.

A área do trabalho abrange a Filosofia da História, a História, a Mitologia, a Filosofia da Linguagem, a Teoria do Conhecimento, a Estética e a crítica marxista da Economia Política, com incursões e investigações necessárias nas demais áreas da Filosofia, nas Ciências Humanas e nas Ciências em geral.

Como fundamentação teórica, além das obras em geral de Walter Benjamin e Nietzsche, e especificamente as que abordam a questão do mito, as quais se encontram elencadas na Metodologia, o trabalho se utiliza das obras *Dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, e *O discurso filosófico da modernidade*, de Jürgen Habermas, as quais são utilizadas não tanto como mediadoras dos pensamentos de Benjamin e Nietzsche, mas como dinamizadoras de suas leituras e interpretações. Isto em razão de sua riqueza em conteúdo e método: possibilitam investigar e refletir sobre as obras de ambos os autores, sobre a crítica da modernidade e do capitalismo tardios, e sobre as fusões entre moderno e arcaico na sociedade capitalista contemporânea. Também são utilizadas as biografias de Nietzsche, de autoria de Curt Paul Janz e Domenico Losurdo. A obra *Linguagem e mito*, de Ernst Cassirer, oferece um sólido conceito teórico-filosófico do mito. Sobre a influência de Nietzsche na Teoria Crítica, utilizamos, além de obras de Adorno e Horkheimer e do já mencionado *O discurso filosófico da modernidade*, as obras de Martin Jay e Susan Buck-Morss elencadas na Metodologia, entre outras. As obras de Marx e Engels são utilizadas por seu lugar central e incontornável na Filosofia Crítica, no método dialético, na Teoria da Modernidade, na Filosofia da História e na crítica da Economia Política. Alguns dos principais estudiosos e comentadores das obras de Benjamin e Nietzsche estão elencados no final da Metodologia.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é realizado por meio de pesquisa bibliográfica, leitura, análise e comparação de textos filosóficos e de outros autores e áreas de interesse. O desenvolvimento da pesquisa tem como base a Filosofia da História, a Filosofia da Linguagem e a Estética de Walter Benjamin; a crítica da modernidade e dos valores humanos promovida por Friedrich Nietzsche, por meio do seu método genealógico e perspectivista; e a crítica da economia política e da ideologia de Karl Marx e da Teoria Crítica, por meio do método dialético de pesquisa e exposição, da interdisciplinaridade materialista fundamentada na História e na Teoria Social, e da Filosofia da História com finalidade prática.

As pesquisas e resultados foram obtidos por leitura e análise das obras de Walter Benjamin: "Destino e caráter", "Para a crítica da violência", o ensaio sobre *As afinidades eletivas*, de Goethe, *Origem do drama trágico alemão*, *Rua de mão única*, *Passagens* e *Baudelaire e a modernidade*; Nietzsche: *Nascimento da tragédia*, a segunda e a terceira *Consideração extemporânea*, *Assim falava Zaratustra* e *Genealogia da moral*; Adorno e Horkheimer: *Dialética do esclarecimento*; Jürgen Habermas: *O discurso filosófico da modernidade* e *A teoria da ação comunicativa*; Ernani Chaves: *No limiar do moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin*; Jeanne Marie Gagnebin: *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*; Curt Paul Janz: *Friedrich Nietzsche: uma biografia*; Domenico Losurdo: *Nietzsche: o rebelde aristocrata: biografia intelectual e balanço crítico*; Luís Rubira: *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*; Wolfgang Müller-Lauter: *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*; Ernst Cassirer: *Linguagem e mito*; Martin Jay: *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*; Susan Buck-Morss: *The origin of negative dialectics: Theodor Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt institute*; e textos e obras dos já mencionados Ernani Chaves e Jeanne Marie Gagnebin, e de Marx e Engels, Sigmund Freud, György Lukács, Herbert Marcuse,

Giorgio Agamben, Christoph Türcke, Michael Löwy, Márcio Seligmann-Silva, Katia Muricy, Flávio Kothe, Oswaldo Giacoia Junior, Clademir Araldi e André Itaparica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presença do pensamento mítico em Nietzsche pode ser verificada, por exemplo, em *O discurso filosófico da modernidade*, quando Habermas afirma que “Nietzsche utiliza o fio condutor da razão histórica para ao cabo descartá-la e fincar o pé no mito, o outro da razão” (Habermas, 2000, p. 125), e que “Nietzsche busca refúgio em uma teoria do poder, o que é coerente, pois a fusão entre razão e poder que a crítica desvela abandona o mundo à luta irreconciliada dos poderes como se esse fosse o mundo mítico” (Habermas, 2000, p. 181). Na *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Horkheimer fornecem uma das teses centrais do pensamento filosófico contemporâneo: “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (Adorno, Horkheimer, 2015, p. 15). No segundo excuro da obra, Kant, Sade e Nietzsche são definidos como os realizadores implacáveis do esclarecimento.

Na obra de Walter Benjamin, podemos encontrar uma abordagem explícita porém breve e fragmentária desta questão no arquivo das *Passagens* intitulado “O tédio, eterno retorno”. Nas últimas notas do arquivo, o eterno retorno nietzscheano é vinculado a uma cosmovisão burguesa de ordem mítica. Nesse sentido, o “‘eterno retorno’ é a forma fundamental da consciência histórica primeva, mítica. (É uma consciência mítica porque não reflete.)” (Benjamin, 2007, p. 159). Em nota anterior, antecipa um tema da *Dialética do esclarecimento* ao vincular o pensamento de Nietzsche com o das classes dominantes no estágio do capitalismo em que viveu: “Existe um esboço no qual César, em vez de Zaratustra, é o portador da doutrina de Nietzsche [...]. Isto é importante. Pois indica que Nietzsche pressentia a cumplicidade de sua doutrina com o imperialismo” (Benjamin, 2007, p. 157).

Ademais, as análises teórico-filosóficas e as pesquisas até então desenvolvidas permitem apresentar questões de grande relevância para a crítica da sociedade capitalista-burguesa: na obra de Benjamin, a forma como a crítica do mito se torna, ao longo do tempo, crítica do capitalismo enquanto mito; assim como a importância da sua definição da modernidade como “o tempo do inferno”. A consequência extrema do “terror arcaico” do fascismo pode ser extraída de reflexões sobre as relações de Nietzsche com o mito em seu aspecto irracional. O estudo da vida e da obra de Nietzsche permite abordar questões como seu papel histórico único enquanto crítico da modernidade e da sociedade burguesa; as relações entre niilismo e revolução copernicana; e a condição do intelectual na sociedade moderna e contemporânea. Os estudos sobre Baudelaire representam um dos pontos altos da obra de Benjamin, com destaque para temas como a teoria da alegoria, o eterno retorno, a busca incessante pelo novo e a noção de temporalidade no capitalismo. Por sua vez, a crítica do capitalismo enquanto mito em Benjamin, aplicada em seus estudos sobre Baudelaire, pode servir como importante fonte teórico-filosófica para o estudo das relações entre Nietzsche e o capitalismo. Sobre as aproximações entre Benjamin e Nietzsche, podemos destacar a “visão devastadora do tempo e da história”, a identidade entre cultura e barbárie, a substituição da religião pela arte enquanto elemento unificador da sociedade, e a crítica do progresso e da noção de “retorno às origens”. Por fim, a influência de Nietzsche na Teoria Crítica – não aceita de forma uníssona pela tradição filosófica, ao contrário de outros nomes como Hegel, Freud, Lukács e Weber – pode ser

atestada pela sua importância singular nos campos da Psicologia, da Estética, da Filosofia da História, da crítica do esclarecimento e do método científico europeu, entre outros.

4. CONCLUSÕES

Poucos pensadores conseguiram compreender como Benjamin que os meios de interpretação e superação de nossa forma social capitalista-burguesa passam pelo fato de que uma sociedade emancipada tem de estar fundada na razão, mas nunca abandonará por completo as formas míticas de pensamento. Por isso é essencial observar que Benjamin, devido à tradição messiânica judaica, opõe o mito não à razão, mas à História. Uma sociedade emancipada se forma e constrói a própria história a partir das decisões e ações racionais, coletivas e não coercitivas por parte de seus indivíduos, o que se opõe às formas sociais arcaicas e ao capitalismo, que são submetidas às forças da natureza e do destino e, portanto, sujeitas aos fenômenos da culpa, do sacrifício e da catástrofe. Benjamin soube extrair das formas sociais arcaicas suas raízes emancipatórias, suas formas pré-científicas, supra-históricas e não-históricas de pensamento, que podem servir de auxílio à razão com finalidade emancipatória – como fez ao trazer à sua obra a questão do comunismo primitivo e das sociedades matriarcais. Apesar de ser seu antípoda na esfera política, e de ter submetido seu pensamento crítico àquelas mesmas forças irracionais do mito e da natureza, Nietzsche certamente viveu a experiência filosófica com uma radicalidade poucas vezes vista, e na posição de genealogista e naturalista em relação aos valores humanos, foi um dos críticos essenciais de sua época. Investigar os caminhos de seu pensamento também consiste em uma dessas chaves de compreensão e superação dos tempos extremos e sombrios da modernidade e do capitalismo tardios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BENJAMIN, W. **Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2018.
- BENJAMIN, W. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, F. W. **Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida: segunda consideração extemporânea**. São Paulo: Hedra, 2017.
- NIETZSCHE, F. W. **A filosofia na idade trágica dos gregos**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2018.